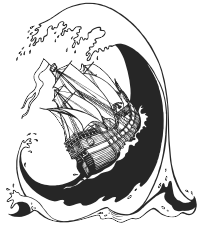


A RALÉ BRASILEIRA
Quem é e como vive



CONTRACORRENTE

JESSÉ SOUZA

Colaboradores

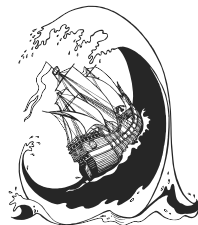
| | |
|--------------------------------|-----------------------|
| André Grillo | Emanuelle Silva |
| Emerson Rocha | Fabício Maciel |
| José Alcides Figueiredo Santos | Lara Luna |
| Lorena Freitas | Maria Teresa Carneiro |
| Patrícia Mattos | Priscila Coutinho |
| Roberto Torres | Tábata Berg |

A RALÉ BRASILEIRA
Quem é e como vive

3ª edição ampliada com nova introdução

São Paulo

2018



CONIRACORRENTE

Copyright © EDITORA CONTRACORRENTE

Rua Dr. Cândido Espinheira, 560 | 3º andar
São Paulo – SP – Brasil | CEP 05004 000
www.editoracontracorrente.com.br
contato@editoracontracorrente.com.br

Editores

Camila Almeida Janela Valim
Gustavo Marinho de Carvalho
Rafael Valim

Conselho Editorial

Alysson Leandro Mascaro
(Universidade de São Paulo – SP)
Augusto Neves Dal Pozzo
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP)
Daniel Wunder Hachem
(Universidade Federal do Paraná – UFPR)
Emerson Gabardo
(Universidade Federal do Paraná – UFPR)
Gilberto Bercovici
(Universidade de São Paulo – USP)
Heleno Taveira Torres
(Universidade de São Paulo – USP)
Jaime Rodríguez-Arana Muñoz
(Universidade de La Coruña – Espanha)
Pablo Ángel Gutiérrez Colantuono
(Universidade Nacional de Comahue – Argentina)
Pedro Serrano
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP)
Silvio Luís Ferreira da Rocha
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP)

Equipe editorial

Carolina Ressurreição (revisão)
Denise Dearo (design gráfico)
Lúcia Brandão (capa)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Ficha Catalográfica elaborada pela Editora Contracorrente)

S719 SOUZA, Jessé.
A ralé brasileira: quem é e como vive | 3ª edição ampliada com nova introdução.
Jessé Souza; colaboradores André Grillo et al. – São Paulo: Editora Contracorrente,
2018.
ISBN: 978-85-69220-37-4
Inclui bibliografia
1. Classes sociais – Brasil. 2. Brasil – Aspectos sociais. 3. Política – Brasil. I.
Título.

CDU: 316.3

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

*Dedico este livro ao meu pai, in memoriam,
por ter me transmitido o sentimento que me permitiu fazê-lo.*

SUMÁRIO

| | |
|------------|----|
| INTRODUÇÃO | 13 |
|------------|----|

PARTE 1
O MITO BRASILEIRO E
O ENCOBRIMENTO DA DESIGUALDADE

| | |
|---|----|
| CAPÍTULO 1 A CONSTRUÇÃO DO MITO DA “BRASILIDADE” <i>Jessé Souza</i> | 35 |
|---|----|

| | |
|--|----|
| CAPÍTULO 2 SENSO COMUM E JUSTIFICAÇÃO DA DESIGUALDADE <i>Jessé Souza</i> | 47 |
|--|----|

| | |
|---|----|
| CAPÍTULO 3 COMO O SENSO COMUM E A “BRASILIDADE” SE TORNAM CIÊNCIA CONSERVADORA? <i>Jessé Souza</i> | 57 |
|---|----|

| | |
|---|----|
| CAPÍTULO 4 A TESE DO PATRIMONIALISMO A demonização do Estado corrupto e a divinização do mercado como reino da virtude <i>Jessé Souza</i> | 83 |
|---|----|

| | |
|---|-----|
| CAPÍTULO 5 OS LIMITES DO POLITICAMENTE CORRETO <i>Jessé Souza</i> | 101 |
|---|-----|

JESSÉ SOUZA

PARTE 2
O BRASIL ALÉM DO MITO
NOVO OLHAR E NOVOS CONFLITOS

| | |
|---|-----|
| CAPÍTULO 6 COMO É POSSÍVEL PERCEBER O BRASIL CONTEMPORÂNEO DE MODO NOVO? | 117 |
| <i>Jessé Souza</i> | |

AS MULHERES DA RALÉ

| | |
|--|-----|
| CAPÍTULO 7 “DO FUNDO DO BURACO” | 141 |
| O drama social das empregadas domésticas | |
| <i>Maria Teresa Carneiro; Emerson Rocha</i> | |

| | |
|--|-----|
| CAPÍTULO 8 A MISÉRIA DO AMOR DOS POBRES | 161 |
| <i>Emanuelle Silva; Roberto Torres; Tábata Berg</i> | |

| | |
|---|-----|
| CAPÍTULO 9 A DOR E O ESTIGMA DA PUTA POBRE | 191 |
| <i>Patrícia Matos</i> | |

OS HOMENS DA RALÉ

| | |
|---|-----|
| CAPÍTULO 10 O CRENTE E O DELINQUENTE | 225 |
| <i>Emerson Rocha; Roberto Torres</i> | |

| | |
|---|-----|
| CAPÍTULO 11 O TRABALHO QUE (IN)DIGNIFICA O HOMEM | 263 |
| <i>Fabrcio Maciel; André Grillo</i> | |

A MÁ-FÉ INSTITUCIONAL

| | |
|--|-----|
| CAPÍTULO 12 A INSTITUIÇÃO DO FRACASSO | 303 |
| A educação da ralé | |
| <i>Lorena Freitas</i> | |

A RALÉ BRASILEIRA: QUEM É E COMO VIVE

| | |
|---|-----|
| CAPÍTULO 13 | |
| “FAZER VIVER E DEIXAR MORRER” | |
| A má-fé da saúde pública no Brasil | 329 |
| <i>Lara Luna</i> | |
| CAPÍTULO 14 | |
| A MÁ-FÉ DA JUSTIÇA | 357 |
| <i>Priscila Coutinho</i> | |
| O RACISMO NO BRASIL | |
| CAPÍTULO 15 | |
| COR E DOR MORAL | |
| Sobre o racismo na ralé | 385 |
| <i>Emerson Rocha</i> | |
| CONCLUSÃO | |
| A MÁ-FÉ DA SOCIEDADE E A NATURALIZAÇÃO DA RALÉ | 419 |
| <i>Jessé Souza</i> | |
| POSFÁCIO SOBRE O MÉTODO DA PESQUISA | 469 |
| <i>Jessé Souza</i> | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 477 |
| ANEXOS | |
| ANEXO I | |
| POSIÇÕES DE CLASSES DESTITUÍDAS NO BRASIL | 485 |
| <i>José Alcides Figueiredo Santos</i> | |
| ANEXO II | |
| OS NÚMEROS DOS DESTITUÍDOS NO BRASIL | 503 |
| <i>José Alcides Figueiredo Santos</i> | |
| SOBRE OS COLABORADORES | 505 |

“A sociologia talvez não merecesse uma hora de esforço se tivesse por finalidade apenas descobrir os cordões que movem os indivíduos que ela observa, se esquecesse que lida com os homens, mesmo quando estes, à maneira das marionetes, jogam um jogo cujas regras ignoram, em suma, se ela não se desse à tarefa de restituir a esses homens o sentido de suas ações”.

Pierre Bourdieu. *O camponês e seu corpo*.

“A doença grave do Brasil é social, não econômica”.

Celso Furtado
Entrevista à revista *Caros Amigos*,
Fevereiro de 2003.

INTRODUÇÃO

A pesquisa teórica e empírica, coordenada por mim e com a participação de doze pesquisadores, que resultou no presente livro, foi realizada entre 2004 e 2008. Seus pressupostos teóricos, no entanto, são mais antigos. Entre 1993 e 2003 enfrentei três desafios teóricos que me permitiram realizar o presente trabalho agora apresentado em nova edição. O primeiro deles foi uma leitura alternativa do pensamento social e político brasileiro. Como efetuei esse estudo de modo sistemático, apenas depois de um longo período de formação como cientista social, me apropriando de modo autônomo de vários pesquisadores e escolas de pensamento internacionais, esse fato, acredito, propiciou-me um distanciamento crítico fundamental em relação a nossa tradição de pensamento social.

Esse distanciamento me possibilitou compreender que as rupturas percebidas até então, pela recepção crítica consagrada entre nós, eram na verdade superficiais e não atacavam a origem dos problemas. A origem dos problemas estava nos pressupostos pseudocientíficos das teorias consagradas e não nas oposições aparentes entre os diversos autores. Percebi, por exemplo, que Gilberto Freyre não se contrapunha a Sérgio Buarque, como pensava toda a recepção crítica entre nós, mas que Buarque era “filho” de Freyre como todos os outros dessa tradição depois dele. A aparente contraposição entre eles era mais como uma imagem refletida no espelho, que apenas inverte uma imagem que é, no fundo, a mesma, do que de efetiva contraposição.